

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL A
DISTÂNCIA
PÓLO DE SANTA MARIA**

**PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DO
SURDO EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO DE BOA VISTA DO INCRA – RS: práticas e
representações**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

PATRICIA VESZ

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DO
SURDO EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO DE BOA VISTA DO INCRA – RS: práticas e
representações**

por

Patricia Vesz

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Especial a Distância, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial**

Orientadora: Prof^a Dr^a Elisane Maria Rampelotto

**Santa Maria, RS, Brasil
2007**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Educação Especial a Distância
Pólo de Santa Maria**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DO
SURDO EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE
ENSINO DE BOA VISTA DO INCRA – RS: práticas e
representações**

elaborada por
Patricia Vesz

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profª Drª Elisane Maria Rampelotto (UFSM)
(Presidente/ Orientador)

Profª Drª Márcia Lise Lunardi (UFSM)

Profª Ms Beatriz Santos Pontes (UFSM)

Santa Maria, 1º de dezembro de 2007.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos recebidas a cada novo amanhecer.

Ao meu esposo Rogério, pela incansável compreensão, paciência, sabedoria...

Ao meu filho Abner, pelo privilégio da presença em nossa vida.

A meus pais, Fátima e Amauri, e meus irmãos, Janaína e Júlio César, pelo amor e pela educação familiar, alicerce para meu desenvolvimento.

À coordenadora do curso, Prof^a Dr^a Márcia Lise Lunardi, pela dedicação e pelo interesse em contribuir para o meu crescimento profissional desde a entrevista no processo seletivo aos dias que findam mais uma trajetória em minha vida.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Elisane Maria Rampelotto, pelo olhar cuidadoso ao revisar este trabalho, pelo carinho e pela dedicação ao compartilhar seus conhecimentos, pelo brio e pela clareza nas orientações desta pesquisa. O seu trabalho é digno de importância e consideração, especialmente, pela compreensão e confiança nesta tão sonhada etapa de minha vida...

À minha escola e, em especial, aos meus colegas professores que tiveram paciência para ouvir-me nas horas de angústias, tristezas, alegrias, conquistas...

Muito obrigada a todos!

**Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor,
mas lutamos para que o melhor fosse feito.
Não somos o que deveríamos ser.
Não somos o que iremos ser.
Mas, graças a Deus, não somos o que éramos.**

Martin Luther King

RESUMO

Monografia de Especialização
Pós-Graduação em Educação Especial a Distância
Pólo de Santa Maria
Universidade Federal de Santa Maria

PROCESSO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL DO SURDO EM ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BOA VISTA DO INCRA – RS: práticas e representações

AUTORA: PATRICIA VESZ
ORIENTADORA: ELISANE MARIA RAMPELOTTO

Santa Maria, 1º de dezembro de 2007.

O presente artigo monográfico teve como objetivo investigar o processo de inclusão educacional dos alunos surdos na rede municipal de Boa Vista do Incra, Rio Grande do Sul. Para tanto, a coordenação e a equipe diretiva das escolas, a família dos sujeitos envolvidos na pesquisa e o profissional especializado da área da saúde foram entrevistados. As entrevistas versaram sobre a inclusão do aluno surdo no ensino regular, as dúvidas no processo de ensino-aprendizagem, as dificuldades e as facilidades à criança na escola e as questões referentes à formação e/ou capacitação de professores. O trabalho está dividido em cinco seções: *Apresentação, Caminhos da Investigação, Representações do Surdo e da Surdez, Processo de Inclusão do Surdo no Contexto Educacional e Notas para Finalizar*. A partir deste trabalho, percebe-se que é preciso rever as representações que as pessoas têm sobre o surdo e a surdez. Além disso, é necessário maior envolvimento entre escola, família e sociedade para que haja a inclusão do surdo, pois a inclusão é um processo em constante construção. Desse modo, destaca-se que o processo de inclusão educacional do surdo na rede municipal de Boa Vista do Incra está de fato em andamento com práticas e alternativas possíveis, através do trabalho de professores regentes e de especialistas envolvidos com o processo educativo. No entanto, não basta apenas aceitar o diferente, é preciso garantir que os estudantes com deficiências compreendam os conteúdos propostos e que a escola seja preparada para oferecer um ensino de qualidade, igualitário e justo para todos.

Palavras-chave: inclusão, surdo, representações

ABSTRACT

Specialization Monography
Pos-Graduation in Special Education in Distance
Federal University of Santa Maria
Pole of Santa Maria

PROCESS OF EDUCATIONAL INCLUSION OF THE DEAF CHILD IN MUNICIPAL SCHOOLS IN BOA VISTA DO INCRA CITY – RS: representations and skills

AUTHOR: PATRICIA VESZ
ADVISOR: ELISANE MARIA RAMPELOTTO

Santa Maria, 1st December 2007.

The gift product monográfico had I eat objective explore the suit of inclusion educational from the followers deaf on net municipal of Boa Vista do Incra, Rio Grande do Sul. About to as many, the coordination and the team directive from the schools, the family from the subjects involved on research and the professional specialized from area from health have been interview. The interviews practice above the inclusion of the disciple deaf into the I school regular, the questions into the I sue of I school - apprenticeship, the difficulties and the facilities on the child at school and the questions concerning on the formation and / or capacity of teachers. The work is divided into five sections: *Introduction, Roads from Investigation, Representations of the Deaf and from Deafness, I sue of Inclusion of the Deaf into the Argument Educational and Notes about to Finalize*. The part you gave I work, she senses - if what is necessary revise the representations as the people they have above the deaf and the deafness. Beyond that, is necessary major involvement among school, family and society wherefore he may get the inclusion of the deaf, as the inclusion that's a I sue in constant building. In that way, highlighted - if what the suit of inclusion educational of the deaf on net municipal of Boa Vista do Incra is in effect underway with practices and alternatives possible, via the I work of teachers governors and of specialists involved with the I sue educative. However, no enough barely accept the different, is necessary assure as the students with deficiencies it comprises the contents proposed and that the school he may be prepared about to offer a teaching of quality egalitarian and just for everyone.

key words: inclusion, deaf, representations

APRESENTAÇÃO

A Educação Especial passa por um processo muito significativo, que se caracteriza pelo movimento denominado de Educação Inclusiva. Esse movimento é resultado de mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo de um contexto histórico relacionado à educação dos sujeitos denominados de especiais.

Conforme afirma Mantoan (2007), não podemos negar que o nosso tempo é o tempo das diferenças e que, como acrescenta Pierucci (1999), temos o direito de ser, sendo diferentes. Além disso, segundo o mesmo autor, se já admitimos que somos diferentes de fato, a questão está em querermos ser, também, diferentes de direito.

O contexto histórico que discorre sobre a Educação Especial em nosso país é marcado por teorias filosóficas distintas, que precisam ser muito bem compreendidas para que contribuam para a construção de uma sociedade aberta à diferença. Segundo a *Declaração de Salamanca*, para promover uma Educação Inclusiva, os sistemas educacionais devem assumir que “[...] a aprendizagem deve se adaptar às necessidades das crianças ao invés de se adaptar a criança e assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem” (BRASIL, 1994, p. 4, *apud* SILVA, 2006, p. 13).

No Brasil, destacam-se vários trabalhos sobre a Educação Inclusiva. Dentre esses trabalhos, destaca-se o trabalho de Amaral (1995 e 1997), que apresenta um percurso histórico sobre a alteridade¹ deficiente, e o trabalho de Mazzota (1993 e 1996), que enfoca atitudes da sociedade em relação a esses sujeitos.

Atualmente, a política educacional brasileira, no que tange as diretrizes nacionais para a educação especial, enfatiza a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns na expectativa de abolir as práticas segregacionistas, discriminatórias e excludentes que vêm orientando a educação desses alunos. Em decorrência desse movimento que norteia a Educação Especial, especialmente no que se refere à Educação de Surdos, o município de

¹ A condição daquilo que é diferente de mim; a condição de ser outro (Silva, 2000, p. 16).

Boa Vista do Incra, Rio Grande do Sul, engaja-se nessa proposta para chegar a um consenso acerca da inclusão dos sujeitos surdos na classe comum do sistema regular de ensino. Hoje, nesse município, há alunos surdos matriculados que freqüentam o Ensino Fundamental em um turno e são atendidos, em turno inverso, na sala de recursos.

Como sou docente da rede municipal de ensino de Boa vista do Incra e tenho um aluno surdo incluído em séries iniciais, percebi a necessidade de se pesquisar o processo de inclusão dos alunos surdos na classe regular de ensino. Atualmente, há grande desconhecimento e despreparo entre a comunidade escolar – pais, escola e professores – no que se referem à inclusão e à compreensão do processo de inclusão educacional, especialmente no trabalho que é realizado com alunos surdos. Muitas vezes, o professor se sente impotente, mas, ao mesmo tempo, desafiado frente aos procedimentos e ao aprendizado desses alunos. Assim, essa questão é por um lado um desafio e, por outro, a minha motivação para cursar a Especialização em Educação Especial a Distância.

É importante destacar que este artigo foi realizado com base no trabalho que venho desenvolvendo há quatro anos com alunos surdos incluídos e nos referenciais estudados durante o curso de Especialização. É no desafio de viver o processo de inclusão no dia-a-dia em sala de aula, de refletir, informar e construir conhecimentos que acredito poder contribuir com a prática docente na educação do surdo em classes comuns de ensino.

Portanto, o objetivo deste trabalho, bem como o problema de pesquisa, é investigar e analisar como está se desenvolvendo o processo de inclusão educacional dos alunos surdos, da rede municipal de ensino, no município de Boa Vista do Incra. Com base nesse objetivo, observei e averigüei como as escolas da rede municipal de ensino de Boa Vista do Incra estão se preparando e trabalhando a inclusão do surdo. Além disso, observei também as representações dos profissionais e dos familiares dos alunos incluídos sobre o surdo e a surdez e analisei como os professores e a família estão percebendo o processo de inclusão educacional do surdo.

O presente artigo monográfico está organizado em três partes. Na primeira parte, inicio com a *Apresentação*, em que procuro ressaltar e justificar a importância do tema e apresentar a motivação que me levou a realizar esta pesquisa. Na seqüência, apresento o problema e os objetivos da pesquisa.

Na segunda parte, traço o *Caminho da Investigação*, contextualizando-o no campo da pesquisa e descrevendo os sujeitos e a metodologia adotada no estudo. Na terceira parte, apresento as unidades temáticas que constituem o referencial teórico deste estudo: *Representações do Surdo e da Surdez e Processo de Inclusão do Surdo no Contexto Educacional*. Por fim, na quarta e última parte, apresento algumas considerações finais do estudo.

CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO

Quanto ao cenário investigativo, a pesquisa foi realizada em duas escolas da rede municipal de ensino de Boa Vista do Incra em que há turmas regulares com dois alunos surdos incluídos. Esses alunos freqüentam, em turno inverso, a sala de recursos e recebem atendimento fonoaudiológico semanalmente.

A rede escolar desse município abrange um total de quatro escolas, sendo duas com alunos surdos incluídos e que, portanto, foram as selecionadas para a pesquisa. A primeira escola (Escola A) possui aproximadamente 400 alunos e está localizada na zona urbana do município, já a segunda escola (Escola B), possui aproximadamente 49 alunos e está localizada na zona rural do município. Em cada escola, há um aluno(a) surdo(a) incluído(a), sendo um(a) na 2ª série e outro(a) na 1ª série do Ensino Fundamental.

Os sujeitos selecionados para fazer parte desta pesquisa estão relacionados abaixo e foram convencionados da seguinte maneira:

- Professora da classe regular do ano atual da Escola A (A1);
- Professora da classe regular do ano anterior da Escola A (A2);
- Professora da classe regular do ano atual da Escola B (B1);
- Professora da classe regular do ano anterior da Escola B (B2);
- Educadora especial da sala de recursos da Escola A (C);
- Familiares – especialmente os pais – do aluno surdo da Escola A (D1);
- Familiares – especialmente os pais – do aluno surdo da Escola B (D2);
- Coordenação e equipe diretiva da Escola A (E1);
- Coordenação e equipe diretiva da Escola B (E2); e
- Profissional especializada da saúde – a fonoaudióloga do município (F).

O material de investigação desta pesquisa inclui informações e dados obtidos a partir de um questionário, instrumento que elaborei para ser utilizado nesta pesquisa. O questionário é um instrumento bastante utilizado na área de Ciências Humanas, principalmente, na Educação. Segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 201), “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem presença do entrevistador”. Com base nas informações obtidas por meio desse instrumento, foi permitida “a rápida codificação dos dados para análise de tendências, opiniões, expectativas e muitas outras revelações do interesse temático” (Camargo, 2005, p. 46).

Desse modo, cada sujeito da pesquisa respondeu as questões pertinentes ao foco em estudo. O questionário incluiu perguntas sobre a inclusão do aluno surdo no ensino regular, dúvidas sobre o processo ensino-aprendizagem, os objetivos do trabalho com a criança, as dificuldades e as facilidades encontradas pelos alunos incluídos nas escolas e as questões referentes à formação e/ou capacitação de professores, do profissional especializado da saúde, das coordenações e equipes diretivas e as famílias.

As questões que nortearam o desenvolvimento da pesquisa foram assim elencadas:

- Como as escolas da rede municipal de ensino de Boa Vista do Incra estão trabalhando a inclusão do surdo?
- Como os professores e a família estão percebendo o processo de inclusão educacional?
- Quais são as representações dos profissionais e dos familiares dos alunos incluídos sobre o surdo e a surdez?

Com base nesses questionamentos, discutirei o processo de inclusão educacional na rede municipal de Boa Vista do Incra. Vale ressaltar que as questões não poderiam ter nenhum tipo de intromissão ou indução por parte do entrevistador. Por conseguinte, para que a pesquisa tivesse credibilidade, foi de suma relevância a utilização da abordagem qualitativa² para o estudo em questão.

² Pesquisa qualitativa é “basicamente aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade. Ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, a qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações. A pesquisa qualitativa é mais participativa e, portanto, menos controlável. Os participantes da pesquisa podem direcionar o rumo da pesquisa em suas

O objeto de estudo para essa pesquisa incluiu dois alunos surdos. O primeiro aluno, D.D³, tem 8 anos, freqüenta a 2ª série do Ensino Fundamental da Escola A e, antes de ser incluído na classe regular de ensino, freqüentou, ao longo de quatro anos de escola, a sala de recursos e estimulação precoce. Depois disso, D.D. começou a escolarização na Educação Infantil e continuou recebendo o apoio na sala de recursos, em turno inverso.

O segundo aluno, A.D, tem 9 anos, freqüenta a 1ª série do Ensino Fundamental da Escola B, está repetindo a série pelo segundo ano, não freqüentou a Educação Infantil, *“por não se adaptar a turma e na série seguinte havia um primo que para A.D. foi mais fácil sua adaptação”* (D1). Essa família ressalta que: *“se o filho não souber falar, aprender a ler e escrever corretamente, ele deverá permanecer nesta série”*.

REPRESENTAÇÕES DO SURDO E DA SURDEZ

Nesta unidade temática, apresento algumas considerações a respeito das representações que os sujeitos desta pesquisa têm sobre o surdo e a surdez e como foram constituídas essas representações. Para entender o significado do termo busco as colocações de Moscovici (1978) que ressalta que as pessoas têm uma imagem, que vem como uma bagagem cultural sobre o surdo, sob o aspecto que torna as representações sociais resultantes de nossas atitudes e ações. A representação acontece por meios externos, à medida que os indivíduos e os grupos se relacionam de preferência com os objetos, os atos e as situações são constituídos através das interações sociais.

Baseando-me neste entendimento, é que discuto as representações sobre o surdo e a surdez, em especial nos modelos clínico-terapêuticos e sócio-antropológicos.

interações com o pesquisador”.
(http://usabilidoido.com.br/como_fazer_uma_pesquisa_qualitativa.html, acesso em 31/10/2007)

³ Será adotada a abreviatura dos nomes para preservar as identidades dos alunos surdos.

Baseando-me neste entendimento, é que discuto as representações sobre o surdo e a surdez, em especial nos modelos clínico-terapêuticos e sócio-antropológicos.

Na concepção clínico-terapêutica, é muito comum, ainda hoje, tratar a educação dos surdos e falar sobre a surdez, atribuindo-se a deficiência ao deficiente. É bastante comum tratar dessas questões sob a ótica da medicalização, da correção, do tratamento e da normalização. Ao pensar o surdo e a surdez como deficiência auditiva, como falta, como patologia, como doença, como recuperação, se pensa na cura, se pensa no modelo clínico e de terapia.

Skliar (1997, p. 110-111), ao tratar a concepção clínico-terapêutica, afirma que essa visão é

[...] estritamente relacionada com a patologia, com o déficit biológico, com a surdez do ouvido, e se traduziu educativamente em estratégias e recursos de índole reparadora e corretiva. A partir dessa visão a surdez afetaria de um modo direto a competência lingüística das crianças surdas, estabelecendo assim uma equivocada identidade entre a linguagem e a língua oral.

Na concepção sócio-antropológica, por sua vez, os surdos são vistos como diferentes em relação aos ouvintes. Por não ouvirem, os surdos constituem a visão de mundo sob o aspecto visual-gestual e adquirem a língua de sinais sem dificuldade, o que facilitará o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, sócio-emocionais e lingüísticos.

Ademais, segundo essa visão, os surdos formam comunidades, cujo fator de aglutinação é a língua de sinais, ou seja, uma comunidade lingüística caracterizada por compartilhar, além dessa língua gestual-visual, os valores culturais, hábitos e modos de socialização próprios (Skliar, 1997).

Com base nas colocações sobre a representação do surdo e a surdez em relação ao modelo clínico-terapêutico, apresento abaixo fragmentos das respostas dadas pela fonoaudióloga (F). São colocações que apontam para representações clínicas da surdez, pois estão relacionadas com a fala, a audição, a deficiência e o grau de surdez.

A fonoaudióloga do município (F), quando se refere à surdez, diz que:

Sabendo-se que a audição é essencial para o desenvolvimento da fala e da linguagem, considera-se surdo o indivíduo que apresenta esta privação sensorial.

Quando se refere ao surdo, a mesma fonoaudióloga respondeu:

(...) refere-se ao déficit sensorial que sugere a redução ou ausência da capacidade de ouvir determinados sons, devido a fatores que afetam as orelhas externas, médias e/ou internas. Também podem ser classificadas de acordo com o local da lesão e o grau da perda auditiva, época em que ocorreu e a origem.

Diante do exposto, convém ressaltar que o surdo foi/é considerado um deficiente, sendo que, para ser considerado “normal”, o sujeito surdo deve falar como os ouvintes. Para Skliar “a deficiência não é um problema dos deficientes ou das famílias ou dos especialistas. A deficiência está relacionada com a própria idéia da normalidade” (1999, p. 18).

Nesse contexto, compactuo com Skliar e trago as colocações de Thoma (2002, p. 74), ao dizer que “normalizar nada mais é do que trazer o outro para a minha eficiência”. A mesma autora acrescenta ainda que, “para nós, ouvintes, a surdez é, em geral, vista como uma anomalia, uma falta biológica. Esse pensamento deu origem às práticas de normalização e de recuperação tão presentes na história da educação dos surdos ao longo dos séculos” (op. cit.).

Quando questionado sobre a representação do surdo e da surdez, a resposta que obtive com o sujeito da família A, que denominei D1 diz que:

(...) tratando o filho com normalidade, sempre procurar falar e tratar como os outros, porém considerando suas diferenças. Seria bom se houvesse a LIBRAS para aquisição e aprendizagem, e ainda gostaria que houvesse encontros entre a comunidade surda, para que ela [se refere à filha surda] também pudesse interagir e conhecer os demais. (família A – D1)

Por outro lado, o sujeito da família B, denominado de D2, ao responder sobre essas questões, ressalta que o surdo é a pessoa que tem uma:

Incapacidade total ou parcial de ouvir. Há muitas pessoas que vêem o surdo como um deficiente e não é porque ele pode fazer tudo que as outras pessoas podem fazer. (família B – D2).

No primeiro fragmento, nota-se que há, inicialmente, a negação da condição de deficiência. Em um segundo momento, há uma referência ao surdo como um sujeito “incapaz” de ouvir, sendo enfatizado, portanto, a sua deficiência e/ou falta de audição. Sendo assim, é claramente perceptível a representação desses familiares sobre a surdez e o sujeito surdo em um terreno flutuante, que se encontra dentro da

lógica da deficiência, de uma visão clínico-terapêutica, mas que se abre para a possibilidade de uma visão que coloca a surdez no terreno da diferença.

Ainda no primeiro fragmento, apesar de parte da resposta apontar para um entendimento sobre as representações clínicas da surdez, a resposta também remete para um entendimento da surdez como diferença. Parece que começa a existir uma conscientização de D1 sobre a importância da aquisição e da utilização da língua de sinais pelos surdos. Também existe um interesse por parte desse sujeito em conhecer e aprender a língua de sinais, juntamente com os professores e colegas, como forma de facilitar a comunicação e a interação entre os surdos. Por isso, um ponto importante a se considerar é:

(...) a língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com essa comunidade. (...) É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela lingüística. Pesquisas com filhos surdos de pais surdos estabelecem que a aquisição precoce da Língua de Sinais dentro do lar é um benefício e que esta aquisição contribui para o aprendizado(...) (<http://www.surdo.org.br>).

As coordenações e equipes diretivas das Escolas A e B (E1 e E2), respectivamente, também trazem, nos trechos de entrevistas elencados a seguir, as suas representações acerca do surdo e da surdez, ao colocarem que:

(...) sabemos que tem uma língua que é a sua representatividade e identidade na sociedade. Essas representações foram constituídas a partir do início das aulas do aluno em classe regular de ensino. Sabíamos da necessidade de nos informarmos e pesquisarmos sobre a melhor forma de nos comunicar e de compreendê-lo e fazer-se compreender para que as aulas tivessem rendimento e sabíamos também que o processo seria lento e a longo prazo.

É uma deficiência, são pessoas que tem dificuldade de comunicação e por isso tem muita dificuldade de se comunicar, dificultando a sua inclusão na sociedade.

Novamente foram encontradas, nas duas falas explicitadas, representações diferenciadas sobre o surdo e a surdez. A primeira é permeada pela visão sócio-antropológica, que valoriza a questão da identidade e comunicação dos sujeitos surdos, ao passo que a segunda enfoca a visão clínico-terapêutica, quando enfatiza exclusivamente a questão da deficiência e da dificuldade de comunicação dos surdos.

Em relação ao trabalho pedagógico realizado pelas professoras da escola, as representações sobre o surdo e a surdez estão mais coerentes com o ideário de hoje sobre educação de surdos. A professora da classe regular do ano atual da Escola B (B1) argumenta que os surdos:

(...) têm uma visão ampla de tudo, mas dificuldade para expressar tudo o que visualizam, compreendem tudo visualmente, são vistos como uma pessoa normal, desde que seja utilizada a sua forma de comunicação, no caso, a sua língua de sinais.

Ao dizer que a surdez representa uma *experiência visual*, é necessário que se conheça o que isso representa. Assim, é saber distinguir de fato a compreensão sobre a surdez:

Dizer que a surdez não é uma deficiência auditiva, mas é uma experiência visual, muda o pensamento sobre tudo o que se refere a esse conceito: sobre a questão da escola, sobre a questão do bilingüismo, sobre as questões didáticas, etc (...) constitui uma mudança radical de percepção que precisamos ter dos surdos (...) para que se tenha a percepção da visão (Rampelotto, 2006, p. 09).

Nessa perspectiva, o surdo é dotado de uma diferença sociolingüística, interagindo com as pessoas a partir da experiência visual. Assim, toda compreensão é mediada pela língua de sinais, que é considerada um elemento de identidade entre os sujeitos surdos.

É por esse motivo que não podemos ver o surdo como um doente, com perda auditiva, com falta de algo ou alguma coisa. É preciso entender que os surdos se constituem como sujeitos com experiência visual e como grupo que discute e opina sobre suas vidas. Assim, o surdo será (re)conhecido como sujeito, com interesses, características e comportamentos próprios.

A comunicação visual é um dos referenciais mais significativos, pois é ela que constitui a diferença e, desse modo, a identidade também é construída a partir das relações sociais e culturais. Rampelotto (2006, p. 114) complementa que ao

(...) falar que os surdos ou a surdez é uma experiência visual constitui uma mudança radical da percepção que temos sobre esse grupo (...). Pensar a surdez como uma experiência visual não se reduz à demarcação do espaço, mas nos remete a pensar em alteridades surdas constituídas pelo olhar do outro.

Diante disso, torna-se evidente a importância da conscientização dos familiares, educadores de surdos, coordenadores e equipes diretivas de escolas conhecerem a cultura, a identidade e a comunidade surda, bem como aprenderem a língua de sinais, de modo que possam interagir com esses sujeitos, beneficiando-os desde muito cedo com a aquisição e a aprendizagem.

PROCESSO DE INCLUSÃO DO SURDO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBE) nº 9394/96 serviu de alavanca para uma educação de qualidade com respeito e valorização à diversidade, apresentando um capítulo específico que orienta para o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos.

O Brasil optou pela construção de um sistema educacional inclusivo a partir da *Declaração de Salamanca* (1994), em que pressupõe: a educação inclusiva como um processo gradativo que permite aos sistemas de ensino adequar-se à nova realidade educacional, construindo práticas institucionais e pedagógicas que garantam qualidade de ensino a todos os alunos. A partir dessa Declaração,

a idéia de incluir o outro deficiente na escola regular torna-se uma prática recomendada e freqüente. O discurso da escola inclusiva passa pelo compromisso com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e a urgência de ser o ensino ministrado, no sistema comum de educação, a todas as crianças, jovens e adultos com alteridade deficiente (Rampelotto, 2004, p.33).

Com base nesse movimento denominado de *Inclusão Educacional*, Lima ressalta que:

É importante ter a clareza de que o que faz a diferença na educação do surdo não é se a escola é especial ou se é escola comum, mas sim a excelência de seu trabalho. Portanto, o mais importante é que a escola tenha um programa pedagógico que atenda as necessidades do aluno com surdez, que ofereça capacitação para a comunidade escolar, que busque parcerias e que tenha em seu quadro de profissionais todos os elementos necessários para o desenvolvimento do trabalho, de forma a educar um indivíduo socialmente ajustado, pessoalmente completo, autônomo e competente, ou seja, um cidadão (2006, p. 12).

Todavia, no dia-a-dia das escolas existe uma disparidade entre o que a lei estabelece e o que realmente acontece na prática no espaço escolar. A partir dessa exposição, passo a relatar o processo inclusivo do surdo no contexto educacional na rede municipal de ensino de Boa Vista do Incra.

Conforme declaração dos professores e das equipes diretivas, o processo de inclusão do surdo em classe regular reporta-se ao início de suas trajetórias dentro

do contexto escolar. É possível verificar isso pelo conhecimento que esses educadores e familiares têm sobre o conceito de inclusão. Em relação aos professores, a maioria possui compreensão sobre inclusão, pois eles participaram de seminários e/ou cursos sobre a temática.

No entanto, uma professora menciona que obteve “*somente uma visão na disciplina de “Metodologia da Educação Especial”, na faculdade*” (B1). Todos os sujeitos desta pesquisa possuem formação em curso normal de nível médio e/ou Pedagogia, Normal Superior, Letras – Língua Portuguesa, Educação Especial e um deles está, atualmente, cursando a Especialização em Educação Especial.

Quanto à opinião sobre a inclusão do surdo em classe regular de ensino, descrevo abaixo alguns fragmentos dos sujeitos da pesquisa:

Acho complicado, pois o professor está carregando toda a responsabilidade sozinho, as diferenças existem e todos devem saber, mas não é soltando um aluno especial no meio da turma dita de alunos “normais” que vai resolver sem recursos e capacitação. O professor sente-se perdido. (A1).

Ótima, desde que o professor da classe tenha qualificação e que também receba ajuda de um profissional formado que trabalhe com o aluno em horário especial. (A2)

É um trabalho um pouco difícil, principalmente quando o professor não está habilitado para trabalhar com o diferente. Mas também o professor aprendendo com o aluno, a forma de se comunicar traz bons resultados. (B1).

A inclusão do surdo, assim como de qualquer outro deficiente, é muito importante para todos os envolvidos no processo. É de suma relevância que o surdo seja visto como uma cultura que luta por seu espaço na sociedade, que a língua de sinais seja difundida e reconhecida e essa população constitua-se pelas diferenças sociais, culturais e educacionais. (B2).

Dessa forma, é importante enfatizar que:

Delegar ao professor toda a responsabilidade de promover a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais é um erro, pois a adoção dessa postura deveria ser de toda a estrutura da escola. (...) o conhecimento sobre o conteúdo, a metodologia de ensino e as possibilidades de reflexão sobre as ações realizadas na sala de aula são questões a serem trabalhadas por toda a equipe da instituição escolar, e não somente pelo professor que recebe a criança com alguma dificuldade ou necessidade especial.
(<http://www.pedagobrasil.com.br/educacaoespecial/dequeinclusao.htm>)

Segundo Mendes (2002), as ações de uma política inclusiva deveriam se pautar em três objetivos básicos:

- *Perspectiva política* – construção e formação de pessoal capaz de promover serviços na escola, na comunidade, na região;
- *Perspectiva educacional* – planejamento, implementação e avaliação de programas para diferentes alunos em ambientes da classe regular;
- *Perspectiva pedagógica* – estratégias de ensino que favoreceriam a inclusão, a prática flexível e a oferta de currículos adaptados.

Nesse enfoque, cabe salientar que as equipes diretivas e as coordenações pedagógicas estão cientes que:

(...) no processo de inclusão na escola há falhas, pois os professores não estão preparados para educar essas crianças e a secretaria não oferece cursos de aperfeiçoamento, sabendo da importância a secretaria devia equipar as escolas e aperfeiçoar professores para que haja inclusão. (E1).

É uma necessidade que precisa ser trabalhada com todos, não somente incluir, mas integrar. (E2)

Segundo as opiniões expressas por ambas as coordenações e equipes diretivas, é necessário o envolvimento de todos os profissionais da escola, bem como comunidade ao seu entorno para que a inclusão aconteça.

A educadora especial responsável pela sala de recursos também aponta algumas falhas que necessitam ser revisitadas, tendo em vista o processo inclusivo nas escolas, tais como:

(...) a falta de preparo dos professores, escola, dependências físicas, pais dos alunos que não aceitam que seus filhos convivam em sala com PNEEs. Professores sem formação adequada, que querem trabalhar em sala de recursos ou em classe especial visando os adicionais em seu salário e com o pensamento de não dar nada em sala, só matar o tempo, pois são deficientes mesmo (C).

Portanto, pode-se observar que o professor continua despreparado para trabalhar com esses alunos. Assim, ressalta-se que a escola deve organizar-se para oferecer educação de qualidade para todos. Assim, Lima (2006, p. 12) coloca que “...a primeira providência que a direção (...) deverá tomar será comunicar-se com a secretaria de educação e solicitar a capacitação de seus professores e demais elementos da comunidade escolar”.

As famílias, por sua vez, avaliam a importância do filho surdo estar incluído em sala de aula com os colegas ouvintes, acreditando que, na interação surdos-

ouvintes, o processo de aprendizagem acontece. No entanto, ao mesmo tempo, reiteram e valorizam a importância da sala de recursos⁴ pelo atendimento ser mais individualizado, favorecendo assim a aprendizagem, como se verifica nos fragmentos a seguir:

Em minha opinião parece ser mais importante que a aula regula, porque ele aprende mais por ter um atendimento mais individualizado, no entanto, penso também que a Libras é importante (D1).

É muito importante para que haja e complemente o trabalho em sala de aula regular e ainda o apoio da professora responsável no trabalho em sala de aula, quando necessário, orientando professor e aluno (D2).

Diante dessas questões, portanto, a grande questão que se coloca a partir da análise realizada por meio dos fragmentos acima refere-se à experiência de alunos surdos na escola regular onde dividem a mesma sala de aula com alunos ouvintes, que é a seguinte: “as discussões em torno da educação de surdos travam-se em um incansável questionamento: incluir os surdos na escola regular ou deixá-los na escola especial?” (Lunardi, 2001, p.32).

Enfim, devemos ter em mente que as práticas escolares inclusivas não se fazem por decreto ou por imposição de medidas burocráticas. Como um processo em permanente construção, essas práticas exigem, em um primeiro momento, uma postura e uma atitude positiva diante da diferença dos alunos e da formação continuada dos diversos profissionais, indispensáveis para uma intervenção pedagógica consciente e comprometida com o êxito de todos os alunos.

NOTAS PARA FINALIZAR

Inicialmente é relevante colocar que este trabalho contribuiu para meu crescimento intelectual e pessoal, mas, principalmente, profissional. Além disso,

⁴ Sala de recursos, segundo a Política Nacional de Educação Especial (1994), é “um local com equipamentos, materiais e recursos pedagógicos específicos à natureza das necessidades especiais do alunado, onde se oferece a complementação do atendimento educacional realizado em classes do ensino comum”. Neste ambiente, o aluno é atendido por professor especializado, individualmente ou em pequenos grupos, e em horário diferente do que frequenta o ensino regular. Dessa forma, esta modalidade caracteriza-se como sendo um local para o auxílio aos alunos que precisam de ajuda para se manter na classe comum.

julga-se que este foi de grande valia para as comunidades escolares pesquisadas que, no contexto de educação inclusiva, não se sentem suficientemente preparadas e capacitadas para trabalhar com a diferença de seus alunos, nos aspectos sociais, afetivos e culturais.

Por meio desse estudo foi possível perceber que as escolas estão trabalhando seus métodos e propostas com base teórica para que o processo de inclusão do aluno surdo aconteça de forma satisfatória. No entanto, conforme já foi ressaltado, os professores dizem “não estarem preparados” para a inclusão. Em relação ainda a inclusão do surdo no contexto educacional, percebe-se que a comunidade escolar tem informações a respeito desse processo. Porém, alguns profissionais têm receio de enfrentar essa situação devido à falta de formação específica, sendo necessário, por isso, que a escola organize-se para oferecer uma formação continuada a esses profissionais, visando assim a uma educação de qualidade para todos.

Além disso, por meio desta pesquisa, pôde-se inferir que as representações que as pessoas têm sobre o surdo e a surdez ainda baseiam-se na visão clínico-terapêutica, ou seja, as pessoas ainda vêem a surdez como uma doença que pode ser curada. São poucas as pessoas que têm a visão sócio-antropológica, em que os surdos constituem a visão de mundo sob o aspecto visual-gestual, adquirindo a língua de sinais e facilitando, assim, o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, sócio-emocionais e lingüísticos da alteridade surda.

Por fim, é importante enfatizar que não basta que a escola aceite o diferente, é necessário garantir que os estudantes surdos compreendam os conteúdos propostos nos espaços de inclusão. Nesta pesquisa observou-se que isso está acontecendo gradativamente, conforme o trabalho de professores regentes e de especialistas envolvidos com o processo educativo, de modo que as escolas estão se organizando para oferecer um ensino, realmente, para todos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. **Histórias da exclusão: e de inclusão? – na escola pública.** In: CONSELHO REGIONAL DE PSICÓLOGOS. Educação Especial em debate. SP: Casa do Psicólogo/Conselho Regional de Psicologia, 1997, p. 23-34.

_____. **Conhecendo a deficiência.** São Paulo: Robe, 1995.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: MEC, 1994.

CAMARGO, O. M. de. Processos Investigativos em Educação I. **Cadernos EAD.** 1. ed., Santa Maria, UFSM, PRG, CE, Curso de Graduação a Distância em Educação Especial, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 3ª ed. ver. amp. São Paulo: Atlas, 1991.

LIMA, D. M. C. de A. (Org.). **Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez.** 4. ed. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al] Brasília: MEC, 89 p. 2006, :il.

LUNARDI, M. L. Inclusão/exclusão: duas faces da mesma moeda. In: **Cadernos de Educação Especial.** Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação. v. 2, 2001.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão Escolar – caminhos e descaminhos, desafios, perspectivas. **Ensaio Pedagógicos.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2007.

MAZZOTA, M. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Trabalho docente e formação de professores de Educação Especial.** São Paulo: EPU, 1993.

MENDES, E. G. Perspectivas para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M. S.; MARINS, S. C. F. (Orgs.). **Escola Inclusiva.** São Carlos: UFSCar, 2002.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIERUCCI, A. F. **Ciladas da Diferença.** São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 1999.

RAMPELOTTO, E. M. Surdez. **Cadernos EAD.** 1. ed., Santa Maria: UFSM, Pró-Reitoria de Graduação. Centro de Educação. Curso de Graduação a Distância em Educação Especial, 2006.

_____. A invenção da educação especial. In: **Cadernos de Educação Especial.** Universidade Federal de Santa Maria/ Centro de Educação. Santa Maria: UFSM, nº 24, 2004.

SILVA, A. F. da. **A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais:** deficiência física/elaboração Adilson Florentino da Silva, Ana de Lourdes Barbosa de Castro, Maria Cristina Mello Castelo Branco. Brasília: MEC/ SEEP, 2006.

SKLIAR, C. (Org.) **Educação e Exclusão.** Abordagem sócio-antropológica em educação especial. Porto Alegre, Mediação, 1997.

_____. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. In: **Educação e realidade.** Porto Alegre, v. 24, n° 2, jul./dez.; 1999.

THOMA, A. da S. **O cinema e a flutuação das representações surdas: “que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...”.** Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, Programa de Pós-graduação e Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Tese (Doutorado em Educação).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **MDT:** Estrutura e Apresentação de Monografias, Dissertações e Teses. 5. ed. Santa Maria: UFSM, 2000.

Sites utilizados:

http://usabilidoido.com.br/como_fazer_uma_pesquisa_qualitativa.html , acesso em: 31 out. 2007.

<http://www.surdo.org.br>, acesso em: 26 jul. 2007.

<http://www.pedagogobrasil.com.br/educacaoespecial/dequeinclusao.htm>, acesso em: 18 ago. 2007.

ANEXO

Anexo A – Questionário dirigido aos sujeitos envolvidos na pesquisa

Professora da classe regular do ano atual da Escola A (A1)

- 1) Qual é a sua formação acadêmica?
- 2) Você já participou de algum curso e/ou seminário que falasse sobre a inclusão ou educação especial?
- 3) Como foi para você receber em sua sala de aula uma criança surda?
- 4) Como foi/é a interação e a integração da criança surda em sala de aula?
- 5) Você percebe evolução na criança? Em quais aspectos? A que atribui essa evolução?
- 6) Você já leu algum trabalho ou estudou sobre a inclusão?
- 7) Em sua opinião, qual é o papel do professor na inclusão dessa criança?
- 8) Que dificuldades e/ou facilidades você encontra no dia-a-dia para trabalhar com esta criança?
- 9) Como é o trabalho de orientação que você recebe? – aspectos positivos e lacunas.
- 10) Qual é a sua opinião sobre a inclusão do surdo em classe regular de ensino?
- 11) De maneira geral, o que você pensa sobre a inclusão?
- 12) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 13) A partir do que você constituiu essas representações?

Professora da classe regular do ano anterior da Escola A (A2)

- 1) Qual é a sua formação acadêmica?

- 2) Você já participou de algum curso e/ou seminário que falasse sobre a inclusão ou educação especial?
- 3) Como foi para você receber em sua sala de aula uma criança surda?
- 4) Como foi/é a interação e a integração da criança surda em sala de aula?
- 5) Você percebe evolução na criança? Em quais aspectos? A que atribui essa evolução?
- 6) Você já leu algum trabalho ou estudou sobre a inclusão?
- 7) Em sua opinião, qual é o papel do professor na inclusão dessa criança?
- 8) Que dificuldades e/ou facilidades você encontra no dia-a-dia para trabalhar com esta criança?
- 9) Como é o trabalho de orientação que você recebe? – aspectos positivos e lacunas.
- 10) Qual é a sua opinião sobre a inclusão do surdo em classe regular de ensino?
- 11) De maneira geral, o que você pensa sobre a inclusão?
- 12) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 13) A partir do que você constituiu essas representações?

Professora da classe regular do ano atual da Escola B (B1)

- 1) Qual é a sua formação acadêmica?
- 2) Você já participou de algum curso e/ou seminário que falasse sobre a inclusão ou educação especial?
- 3) Como foi para você receber em sua sala de aula uma criança surda?
- 4) Como foi/é a interação e a integração da criança surda em sala de aula?
- 5) Você percebe evolução na criança? Em quais aspectos? A que atribui essa evolução?
- 6) Você já leu algum trabalho ou estudou sobre a inclusão?
- 7) Em sua opinião, qual é o papel do professor na inclusão dessa criança?
- 8) Que dificuldades e/ou facilidades você encontra no dia-a-dia para trabalhar com esta criança?
- 9) Como é o trabalho de orientação que você recebe? – aspectos positivos e lacunas.

- 10) Qual é a sua opinião sobre a inclusão do surdo em classe regular de ensino?
- 11) De maneira geral, o que você pensa sobre a inclusão?
- 12) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 13) A partir do que você constituiu essas representações?

Professora da classe regular do ano anterior da Escola B (B2)

- 1) Qual é a sua formação acadêmica?
- 2) Você já participou de algum curso e/ou seminário que falasse sobre a inclusão ou educação especial?
- 3) Como foi para você receber em sua sala de aula uma criança surda?
- 4) Como foi/é a interação e a integração da criança surda em sala de aula?
- 5) Você percebe evolução na criança? Em quais aspectos? A que atribui essa evolução?
- 6) Você já leu algum trabalho ou estudou sobre a inclusão?
- 7) Em sua opinião, qual é o papel do professor na inclusão dessa criança?
- 8) Que dificuldades e/ou facilidades você encontra no dia-a-dia para trabalhar com esta criança?
- 9) Como é o trabalho de orientação que você recebe? – aspectos positivos e lacunas.
- 10) Qual é a sua opinião sobre a inclusão do surdo em classe regular de ensino?
- 11) De maneira geral, o que você pensa sobre a inclusão?
- 12) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 13) A partir do que você constituiu essas representações?

Educadora especial da sala de recursos da Escola A (C)

- 1) Como surgiu a idéia da inclusão da criança? Qual foi sua participação?
- 2) Quais os critérios que foram considerados para esta inclusão?
- 3) Como foi selecionada a escola em que o sujeito surdo está incluído?
- 4) Como a escola regular reagiu à inclusão do sujeito surdo?

- 5) Qual é o papel dos professores da sala de recursos na inclusão desta criança?
- 6) Você observa evolução da criança desde que ela foi para a escola regular? Em quais aspectos? A que atribui esta evolução?
- 7) Você observa lacunas nesse processo? Quais?
- 8) O que você pensa sobre a inclusão, de maneira geral?
- 9) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 10) A partir do que você constituiu essas representações?

Familiares – especialmente os pais – do aluno surdo da Escola A (D1)

- 1) Você já ouviu falar e o que você entende por inclusão?
- 2) O que representa para você ter uma criança surda na escola especial ou comum?
- 3) Qual foi sua participação na inclusão de seu filho(a) na escola regular?
- 4) Para você, é importante que seu filho(a) freqüente também a sala de recursos?
- 5) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 6) A partir do que você constituiu essas representações?

Familiares – especialmente os pais – do aluno surdo da Escola B (D2)

- 1) Você já ouviu falar e o que você entende por inclusão?
- 2) O que representa para você ter uma criança surda na escola especial ou comum?
- 3) Qual foi sua participação na inclusão de seu filho(a) na escola regular?
- 4) Para você, é importante que seu filho(a) freqüente também a sala de recursos?
- 5) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 6) A partir do que você constituiu essas representações?

Coordenação e equipe diretiva da Escola A (E1)

- 1) Como chegou até a escola a proposta de inclusão da criança?

- 2) Que dificuldades foram encontradas?
- 3) Que estratégias a escola usou para superá-las?
- 4) Como é a vivência da criança nesta escola?
- 5) Você observa alguma evolução na criança desde sua vinda para esta escola? Quais? A que você atribui esta evolução?
- 6) Você percebe lacunas no processo de inclusão desta criança? Quais?
- 7) De maneira geral, o que você pensa sobre a inclusão?
- 8) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 9) A partir do que você constituiu essas representações?

Coordenação e equipe diretiva da Escola B (E2)

- 1) Como chegou até a escola a proposta de inclusão da criança?
- 2) Que dificuldades foram encontradas?
- 3) Que estratégias a escola usou para superá-las?
- 4) Como é a vivência da criança nesta escola?
- 5) Você observa alguma evolução na criança desde sua vinda para esta escola? Quais? A que você atribui esta evolução?
- 6) Você percebe lacunas no processo de inclusão desta criança? Quais?
- 7) De maneira geral, o que você pensa sobre a inclusão?
- 8) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
- 9) A partir do que você constituiu essas representações?

Profissional especializada da saúde – a fonoaudióloga do município (F).

- 1) Como surgiu a idéia da inclusão da criança? Qual foi sua participação?
- 2) Quais são os critérios que foram considerados para esta inclusão?
- 3) Como foi selecionada a escola em que o sujeito surdo está incluído?
- 4) Como a escola regular recebeu esta proposta?
- 5) Qual é o papel do fonoaudiólogo na inclusão desta criança? Como seria sem ele?
- 6) Você observa evolução da criança desde que foi para a escola regular? Em quais aspectos? A que atribui esta evolução?
- 7) Você observa lacunas nesse processo? Quais?

- 8) O que você pensa sobre a inclusão, de maneira geral?
 - 9) Quais são as representações que você tem sobre o surdo e a surdez?
 - 10) A partir do que você constituiu essas representações?
-